

# Um operário em construção: *A classe operária vai ao paraíso*

*Livia Gomes dos Santos*

Uma esperança sincera  
Cresceu no seu coração  
E dentro da tarde mansa  
Agigantou-se a razão  
De um homem pobre e esquecido  
Razão porém que fizera  
Em operário construído  
O operário em construção.

(Vinicius de Moraes)

Italo Calvino (1993), ao defender a necessidade de se ler os clássicos, propõe-se a explicar o que faz com que alguns livros ganhem essa característica. Entre outros aspectos, ele afirma que um clássico se caracteriza pela capacidade

de sempre apresentar novos elementos, mesmo depois de várias leituras; por ser um livro que nunca terminou o que tinha a dizer; e que um clássico serve, sobretudo, “para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 1993, p. 16). De fato,

*o clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (CALVINO, 1993, p. 12).*

Sem dúvida, *A classe operária vai ao Paraíso* é um clássico. O filme italiano lançado no ano de 1971 e dirigido por Elio Petri nos conta a história de um operário, Lulu, que tem sua vida completamente transformada quando perde um dedo durante o trabalho. Trata-se de um drama político que aborda uma série de elementos que usualmente encontramos nas discussões de Psicologia e Trabalho: a alienação, a identidade, a consciência (individual e de classe), as consequências psicossociais do trabalho nos moldes do Taylorismo-Fordismo são alguns dos temas que transparecem ao longo do filme, fazendo também com que rever o filme seja sempre se tomar pela sensação de descoberta de algo novo, um elemento que não tinha sido percebido anteriormente. Sinteticamente,

*O filme é um clássico do cinema engajado, entre outras coisas, por trazer uma discussão que se atualiza, mesmo com as formas do trabalho tendo se transformado enormemente nas últimas décadas. Os sujeitos precisam se espelhar na luta política para construir-se como sujeitos que transcendam o trabalho, para que não fiquem somente cativos às formas de um trabalho alienante e fetichizado (BERGAMIN, 2016, p. 21).*

Diante da riqueza de possibilidades de análise das interrelações entre esse filme e a Psicologia e ciente da impossibilidade de abordá-lo em sua complexidade, opto por fazer um recorte: analisar a transformação da consciência do personagem principal, destacando como um acidente de trabalho modifica a vida do operário Lulu. Para isso, o artigo está dividido em três partes: na primeira, apresento uma caracterização da consciência e do papel do trabalho na constituição dessa instância do psiquismo. Em seguida, apresento o operário Lulu: sua consciência, completamente marcada pelo trabalho que ele realiza na fábrica e os acontecimentos que fazem com que essa consciência vá sendo modificada. Por fim, apresento as considerações finais, nas quais reforço a necessidade de a psicologia voltar-se mais atentamente para os acontecimentos do mundo do trabalho e de como, nesse processo, as artes podem ser um importante instrumento.

### *Trabalho e consciência*

Ao propor a construção de uma ciência psicológica pautada pelos pressupostos do Materialismo Histórico-dialético, Vigotski (1927/2004) era bastante enfático ao afirmar que a Psicologia não deveria apenas fazer uma coletânea de frases e afirmações dos clássicos do marxismo e chamar isso de Psicologia; era necessário apreender o método e, a partir dele, compreender o que seria específico de cada ciência particular. Isso fez com que ele desenvolvesse uma compreensão de consciência como o conjunto de funções e processos que compõem e promovem o funcionamento psicológico humano. Ela é possível

*porque as transformações materializadas sob a forma de construções culturais são passíveis de serem convertidas em instrumentos internos que permitem a orientação dos sujeitos singulares na realidade. É a cultura que constitui a consciência, cuja principal característica é a possibilidade de uso intencional e controle deliberado de cada um dos processos e funções psicológicas. Estes processos e funções, depois que se inicia a mediação semiótica,*

*são incorporados em um sistema único que nos impossibilita considerá-los de forma absoluta ou separada da integralidade do processo psíquico do qual faz parte (SANTOS, 2018, p. 125).*

O primeiro aspecto a se considerar, portanto, é a intrínseca relação com a cultura. A consciência só é possível pela capacidade exclusivamente humana, desenvolvida pelo trabalho (e que dialeticamente alterou as próprias formas de realizá-lo) de abstrair a realidade em signos, que passam a atuar como instrumentos internos. É imprescindível não perder de vista que a cultura é histórica, o que significa dizer que é resultado da produção humana e exatamente por isso não é estática. Também é importante compreender que os sujeitos singulares não têm acesso a toda a cultura e tão importante quanto isso é que não se trata de um processo de cópia do externo no interno: é necessária uma atividade dos sujeitos em relação a determinado conteúdo, como indica Leontiev (2004, p. 290, grifos no original):

*As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade” a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles.*

O segundo aspecto que aqui destaco é o fato de a consciência ser semioticamente estruturada. Isso significa que ela só é possível graças à linguagem e se organiza a partir da relação que se dá entre sentido e significado: enquanto o significado é o aspecto mais estável, determinado pela sociedade, o sentido é subjetivo, fluido, ligado aos aspectos individuais (e emocionais) na singularidade da existência.

Um terceiro aspecto a ser destacado é a consciência como o processo que permite uma orientação na realidade. Ela é a capacidade que temos de colocar

em palavras as nossas ações, bem como de oferecer uma explicação de si e da realidade circundante. Cumpre destacar que não significa apenas falar; mas a capacidade de apoiar-se nessa explicação para atuar na realidade. Implica também dizer que as mudanças que ocorrem nas explicações que damos a determinados fenômenos resultam também em uma alteração nas formas como nos comportamos; não porque a linguagem cria a realidade, mas porque a transformação da consciência implica uma completa transformação das funções e processos psicológicos, o que inclui uma modificação nas formas como determinado ser singular se insere na realidade. Nessa análise, um aspecto importante a ser considerado desde já é que a constituição do sujeito passa pelo conhecimento do outro, ou como afirma Vigotski (1926/2004, p. 17-18):

*O mecanismo da consciência de si mesmo (autoconhecimento) e do reconhecimento dos demais é idêntico: temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos em relação a nós mesmos que os demais em relação a nós. Reconhecemo-nos a nós mesmos na medida em que somos outros para nós mesmos [...]*

Por fim, é necessário não perder de vista que “a psique seleciona certos pontos estáveis da realidade em meio ao fluxo geral. Cria para si ilhas de segurança no fluxo de Heráclito. É um órgão seletor, uma peneira que filtra o mundo e o modifica de forma que seja possível agir” (VIGOTSKI, 1927/2004, p. 284): tudo muda o tempo todo, mas temos mecanismos psíquicos e fisiológicos para perceber aspectos estáveis nessa constante mudança. Além disso, a consciência é geneticamente determinada pelas relações reais entre as pessoas; não apenas de forma direta, mas como determinada sociedade se organiza para a produção do trabalho. Este, por sua vez, tem um papel determinante na organização e na constituição da consciência. Isso quer dizer que quando falamos que a consciência é sócio-histórica partimos de uma concepção muito clara de história e de cultura, que são aspectos completamente relacionados à produção humana – logo, ao trabalho – e que as determinações de classe são fundamentais para a compreensão do psiquismo. Não vamos nos ocupar

muito nesse espaço, mas é imprescindível também compreender como essa classe tem raça, gênero, orientação sexual etc. e que essas clivagens também são fundamentais na compreensão da consciência e da própria realidade do trabalhador.

Antes de prosseguir, é importante destacar também que afirmar a centralidade do trabalho não implica de forma alguma em um reducionismo, mas compreender que a vida é produzida (o que também nos abre inúmeras possibilidades: se é construída dessa forma pode também ser construída de outras formas). Além disso,

*pelo próprio condicionamento social que circunscreve a vida humana, a vida pessoal reflete o sistema de produção social, da divisão social do trabalho, de sorte que a economia doméstica reflete a economia política. Por conseguinte, as relações interpessoais na esfera da vida familiar, das relações entre os sexos, da amizade, do tempo livre, etc., culminam estruturadas e subjugadas ao sistema de trocas, via de regra, mercantis e contaminadas pelo conflito supracitado. Portanto, o empobrecimento da individualidade humana em condições de alienação abarca tanto sua expressão no âmbito do trabalho quanto no âmbito da vida pessoal, posto que a ordem de relações políticas e econômicas subordina a si a tudo que se produz sob sua égide, no que se inclui a produção da subjetividade (MARTINS, 2020, p. 160).*

Portanto, quando falamos em consciência, não estamos falando de uma simples abstração, algo que existe de forma independente ou absoluta. Pelo contrário: ela é completamente dependente da forma como nós construímos a realidade circundante, ou seja, que ela é dependente do contexto no qual se insere e, particularmente, do estado das forças produtivas em determinado momento histórico. Isso porque temos uma existência histórica, o que significa sobretudo produção dos meios para a satisfação das necessidades.

A condição para se fazer história é estar vivo. O que parece óbvio desdobra-se em uma série de exigências que serão imprescindíveis: para manter-se vivo é necessário alimentar-se, proteger-se, procriar; o que leva ao desenvolvimento da produção de alimentos, de vestimentas, de proteção, de garantias para a procriação e de sobrevivência para os novos membros da espécie. A satisfação dessas necessidades cria novas necessidades e tais relações vão se tornando cada vez mais complexas. No seio desse processo, o humano cria as ideias, as teorias que permitem a compreensão da realidade na qual se insere.

Justamente por ser derivada das relações de produção, qualquer análise da consciência deve ter como ponto de partida as condições materiais a partir das quais ela foi desenvolvida. No sistema em que nos encontramos, as classes sociais estão em polos opostos e têm interesses antagônicos. Essa relação de conflito – fundamentada na divisão social do trabalho, na propriedade privada dos meios de produção e nas relações de assalariamento – serve de base material para o processo de alienação. É necessário reforçar isso: embora se expresse na consciência, a alienação não tem origem nela, mas na atividade material humana. Ou seja, a forma que o trabalho assumiu na sociedade capitalista faz com que o produto seja tão estranhado de quem o produziu que é impossível ao operário se reconhecer nos resultados de sua produção. Seja porque ao final do processo o produto não lhe pertença, seja porque ele sequer tem conhecimento de todo o processo de produção. O produto aparece como algo estranho ao trabalhador, algo que lhe escapa totalmente.

*Esse fato não exprime senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, enfrenta-o como um ser estranho [ein fremdes Wesen], como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se coisificou, ele é a objetivação do trabalho. A realização do trabalho é a sua objetivação. Esta realização do trabalho aparece na situação nacional-econômica como desrealização do operário, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como*

alienação [Entfremdung], *como* desapossamento [Entäusserung] (MARX, 1844/2011, p. 95, *grifos no original*).

Nesse processo, o operário não apenas produz mercadoria, mas produz a si próprio como uma mercadoria. Ele torna-se aquilo que recebe e, mais especificamente, aquilo que ele pode comprar com o que recebe.

*Podemos dizer, então, que alienação é o processo no qual as atividades humanas começam a se realizar como se fossem autônomas ou independentes dos homens e passam a dirigir e comandar a vida dos homens sem que estes possam controlá-las (MARTIN, 2020, p. 93).*

Essas características da consciência no modelo capitalista de produção ficam evidentes em diversas cenas do filme, como veremos adiante.

### *Um operário em construção*

Lulu é um operário italiano, trabalhador de uma fábrica de peças. Peças de que, para quê? Não sabemos. Nem Lulu sabe: ele “faz peças, que vão para uma outra máquina, que não está ali”. Mas que peças, para que máquina? O único fiapo de reconhecimento de si no produto do seu trabalho que sobra a Lulu é ver-se como as máquinas que ele repetidamente opera; assim como a máquina, ele é um suceder-se de movimentos: “Está tudo aqui, no cérebro. O cérebro é a direção central. Decide, faz projetos, programas. O indivíduo põe em marcha a produção. [...] O indivíduo é igual uma fábrica. Uma fábrica de merda!”. Não é o homem que opera a máquina: é a máquina que caracteriza o homem.

Chegando na fábrica, Lulu passa por estudantes que estão fazendo um discurso sobre como eles estão sendo explorados. Lulu ouve, mas não se importa – demonstrando o que falamos sobre a consciência não ser um processo de conhecimento, mas de apropriação: é necessário que a atividade do sujeito

possibilite que ele atue sobre os conteúdos culturais para que se tornem instrumentos de seu psiquismo. Há um movimento na fábrica de greve e de busca por direitos trabalhistas; naquele momento, a queixa principal era o controle do tempo e do movimento, prática taylorista-fordista que começa a ser implementada na fábrica e que reflete diretamente no salário dos trabalhadores. Quem fizer os movimentos mais rápidos (e conseqüentemente produzir mais) tem os melhores salários.

Mas, naquele momento inicial do filme, Lulu é ainda um operário padrão, um exemplo para os gerentes e que não tem a menor preocupação com outros colegas. Em uma cena ele critica um colega de trabalho por ser muito lento na máquina e, logo em seguida, ao ser requisitado para fazer o treinamento de dois novos operários, ele diz que não importa seus nomes, tampouco qualquer reclamação acerca das formas de realização do trabalho. Não importam seus colegas; ele mesmo está vazio, é necessário apenas continuar produzindo, afinal: nas palavras de Lulu “estou oco por dentro [...]. A vida é uma corrida e eu sou o campeão”.

Ao entrar na fábrica, uma voz diz a todos os operários o quanto é necessário tratar com carinho a sua máquina. Lulu, por sua vez, vê na máquina a bunda de uma colega de trabalho, Narcisa. O machismo de Lulu – que vai aparecer com muita força em outros momentos do filme – é relacionado com a humanização da máquina: a máquina-Narcisa é tratada com mais carinho e respeito que a pessoa-Narcisa. Nesse momento, Lulu diz que o Paraíso está no sexo, ou entre as pernas de uma mulher: o humano reduzido às suas condições animais. Mas Lulu, ainda que fale que o sexo é o seu paraíso, está tão oco que não sente fome, e sua mulher reclama de ele não fazer sexo com ela: está muito cansado, explica ele; a fábrica o consome.

Como dissemos anteriormente, a autoconsciência é possível porque compreendemos quem somos em relação com os outros. Lulu compreende-se a si mesmo (logo, aos demais) como uma máquina que deve fazer um trabalho; vazio, sem sentimentos, sem vontades, em uma corrida na qual está cada um por si. É chamado de puxa-saco, o que não concorda e tenta explicar por que ele só faz o trabalho e isso não é ser um puxa-saco – isso demonstra que, ainda que a autoconsciência dependa do outro não se reduz ao que diz o outro.

Em um dia que parecia outro qualquer, Lulu perde um dedo na máquina. A cena desse acontecimento demonstra o quanto Lulu havia se separado e isolado de seus colegas: sem o dedo, vendo o sangue na máquina que ele trabalhava, Lulu olha desesperado em volta sem saber o que fazer, sem saber o que falar e tem dúvidas se deve pedir ajuda. É só depois de um tempo que ele consegue gritar por socorro e todos em volta se solidarizam e, em torno de Lulu, começam a socorrê-lo e acusar a gerência, lembrando o quanto esse tipo de acidente de trabalho é resultado da organização da produção na fábrica.

Lulu, que era o operário-máquina, transforma-se no operário sem um dedo. A todos os que ele encontra, ele repete: “Você soube? Perdi o dedo”; a repetição, talvez, seja também uma forma de lidar com essa perda. Ele precisa reconhecer-se nessa nova forma e para isso precisa que todos saibam do acontecimento.

Afastado do trabalho, um encontro com a loucura: ele encontra Militina, um antigo trabalhador que agora está em um hospício. Esse encontro se dá porque Lulu teme estar ficando louco e precisa que alguém lhe diga que ele não está, precisa do olhar do outro para se (re)conhecer. O hospício é igual à fábrica, a mesma repetição, mas abre espaço para a tomada de consciência. Militina talvez coloque uma minhoca na cabeça de Lulu: um homem não tem direito de saber o que faz? Curiosamente, o “perturbado” do filme é o único com o qual se pode raciocinar. De operário-máquina, Lulu converte-se em operário que teme ficar louco.

O acidente dele faz com que intensifique o movimento de reivindicações na fábrica e Lulu descobre que alguns colegas foram demitidos por causa dele. Isso abre mais espaço para o reconhecimento de si como parte de um coletivo, como um operário entre outros operários – não necessariamente em uma corrida, mas em uma distinta rede de solidariedade e de implicação na vida uns dos outros. Mas, Lulu entra na fábrica e encontra a mais absoluta normalidade. Mais do que isso, um chamado dos patrões: nós confiamos em vocês, vocês têm que amar a máquina. O retorno da máquina-Lulu é comemorado: que bom que você voltou, a produção havia caído 7%. Nem uma palavra sobre a pessoa: o operário é descartável, ainda que seja prejudicial para a produção descartar um operário tão produtivo.

Então, (re)começa o mesmo trabalho repetitivo, mas que agora ele começa a fazer de forma lenta, entoando uma canção, recusando-se a ser apenas a máquina que repete os gestos, questionando e desafiando os controladores. É interessante destacar a forma como a Psicologia é tratada no filme: a revolta dele é absolutamente resumida à associação entre perder o dedo e a impotência sexual. A Psicologia foi – é – uma das grandes consolidadoras dessa forma de ser na realidade. O trabalho é, no máximo, considerado o lócus onde se dão os conflitos e dramas pessoais, subjetivos, ligados à nossa suposta animalidade. Na psicologia tradicional, problemas no trabalho são considerados como exclusivamente problemas pessoais, muitas vezes ligados à sexualidade. Desconsideram-se todas as relações de produção, as opressões, as formas de embrutecer e animalizar o ser humano e toma-o como completamente descolado das relações das quais faz parte.

Mas, dessa vez, isso não foi suficiente. Há uma assembleia na qual a revolta atinge o ponto máximo. Lulu já não se reconhece nesse lugar de máquina, por isso ele passa a se envolver com os estudantes e participar ativamente de discussões sobre as condições e as relações de trabalho, demonstrando que, finalmente, ele consegue compreender como é deles que estão falando e de como “os dirigentes que organizam cientificamente nossa exploração” devem ser enfrentados. Mesmo sem saber como chamar seus colegas de trabalho, ele convoca-os à luta mais extrema: vamos parar o trabalho.

No processo de reconfiguração da sua identidade, para reconhecer-se como trabalhador, ele deve parar de trabalhar: é preciso que ele se negue como trabalhador para perceber-se como trabalhador dentro de um sistema, participe dos movimentos, com uma certa consciência (e solidariedade) de classe. Outra alteração na consciência de si: Lulu agora é o operário-luta.

No meio de uma mobilização, ele foge com a colega Narciso e faz sexo com ela em uma fábrica abandonada: ele já não está tão cansado, já tem condições de fazer algo além de repetir os mesmos movimentos. Essa cena é uma das grandes demonstrações de dois aspectos da transformação da consciência e da tomada de consciência de classe: 1) trata-se de um processo, às vezes muito longo. Não foi perder o dedo, encontrar com o Militina, saber que outros trabalhadores foram demitidos por causa dele, voltar a trabalhar, que fez com que ele tomasse essa consciência, mas sim o conjunto dessas – e talvez de

outras – situações culminou em uma ação dele. A consciência sempre depende da atividade e é no ato de colocar-se na assembleia que podemos observar mais claramente a modificação do operário em direção a uma compreensão das relações às quais ele estava submetido. E o princípio de superação da alienação – a qual em uma sociedade de classes nunca vai ser completamente superada – não se dá pela compreensão de sua situação, mas pela transformação dessa compreensão em luta, em ação. Entretanto, também é necessário compreender que: 2) Nesse processo, não existe uma superação imediata e automática de todas as diferentes opressões que existem em nossa realidade e que são reproduzidas cotidianamente pelos sujeitos singulares. Pelo contrário, as contradições permanecem e Lulu continua sendo um misógino, que usa a mulher para o seu prazer sem se preocupar efetivamente com ela. De fato, parece se preocupar (e se encantar) muito mais com o carro do que com a mulher; afinal, sexo é só isso e ponto.

A atuação política de Lulu resulta em uma demissão, que também traz sofrimento, mas o não trabalho também amplia a consciência que ele tem da realidade. Observando – e colocando preços – as suas coisas, ele vai apontando o quanto é cercado de objetos que no fundo não significam nada para ele. O trabalho embrutece, porém a ausência de trabalho, no caso de Lulu, faz com que ele esteja cada vez mais próximo da loucura. Ele não é o operário-máquina, ele não consegue ser o operário-luta; só lhe resta ser o operário-louco.

São os seus colegas que vêm lhe dar outro sentido: ele passa a ser o operário-símbolo.

Adiante, quando os colegas contam que ele foi readmitido, há um misto de emoções: uma alegria (inicialmente bastante leve); a surpresa, talvez um pouco de tristeza; mas o sentido é alterado. Ele passa a ser o operário que foi admitido novamente ao trabalho, que faz parte da unidade sindical, o primeiro operário da província que reincorporam depois de ter sido afastado por problemas políticos. Ele é o operário importante – não em si, mas por fazer parte desse coletivo forte, consciente.

Voltar ao trabalho com esse novo sentido faz com que ele também seja uma pessoa não tão embrutecida e quase esteja tomado de alegria: a luta política permitiu que ele sonhasse com o paraíso. Ela não acabou com o

sofrimento ou levou ao paraíso, mas permitiu uma transformação da autoconsciência, uma compreensão maior de si e da realidade e permitiu que o paraíso fosse visualizado: ainda longe, em sonho, enevado, mas onde estão todos os outros operários.

### *Considerações finais*

A utilização da arte como técnica de apreensão de elementos da realidade oferece sempre um material enorme e de qualidade para a compreensão de como as ciências explicam diferentes conteúdos da realidade. De fato, a arte permite que saíamos da vida cotidiana, mas o faz de forma a possibilitar uma análise desse mesmo cotidiano. Dessa forma, diferencia-se da ciência pelos seus métodos, uma vez que também apresenta explicações sobre a realidade humana.

Como afirmado anteriormente, a análise presente neste artigo é apenas um recorte dentro das inúmeras possibilidades levantadas por esse filme, que segue sendo atual e passível de representar incontáveis elementos de nossa vida cotidiana. Entre eles, a necessidade de a psicologia se desenvolver e desenvolver práticas que, com toda a sua limitação, reconhecendo todas as suas dificuldades, busque formas de compreender como as determinações do trabalho atuam na nossa vida e, a partir disso, possamos desenvolver práticas que caminhem em direção a uma transformação radical da realidade. Não podemos seguir sendo a ciência que acriticamente reduz tudo a questões de ordem psicológica, como se ela fosse descolada das relações concretas que se estabelecem na realidade.

Além disso, é indispensável que não percamos de vista justamente o caráter processual de constituição da realidade: ela é opressora e cria uma forma de ser que imobiliza, dificulta vínculos, repele ações coletivas, desenvolve indivíduos prontos para a reprodução social e incapazes de uma atuação ativa e criativa. Mas, é complexa e carrega em si a contradição que nos demonstra que é possível fazer diferente; é possível ter outras formas de ser; é possível o desenvolvimento de indivíduos ativos e criativos; é possível construir formas

de enfrentar o sofrimento oriundo das determinações do trabalho e transformar, inclusive, essas relações.

Na análise aqui proposta, demonstrei o quanto a consciência de Lulu vai sendo transformada e isso é completamente relacionado aos acontecimentos que passam a ocorrer em seu cotidiano. A mudança da consciência implica também uma mudança nas relações e se no começo do filme, Lulu pouco se importava com seus colegas, agora o trabalho é marcado pela comunicação com eles, pela apresentação da possibilidade de um paraíso logo adiante.

Não foi um movimento definitivo, até porque

*Ser donos da verdade sobre a pessoa e da própria pessoa é impossível enquanto a humanidade não for dona da verdade sobre a sociedade e da própria sociedade. Ao contrário, na nova sociedade nossa ciência se encontrará no centro da vida. “O salto do reino da necessidade ao reino da liberdade” colocará inevitavelmente a questão do domínio de nosso próprio ser, de subordiná-lo a nós mesmos (VIGOTSKI, 1925/1999, p. 417).*

Mas foi um movimento. Um movimento que não se faz sozinho; e é do conjunto desses movimentos, da possibilidade de perceber-se explorado e transformar essa exploração em luta coletiva que podemos construir um novo mundo. Não um paraíso de sonho envolto em névoa, mas uma realidade resultado do trabalho e da atuação consciente dos trabalhadores. Foi um movimento que fez do operário construído, um operário em construção.

## Referências

BERGAMIN, M. A. E quando o paraíso é uma névoa? A classe operária vai ao paraíso e o fetiche. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 7-22, jun.-set. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/29496>. Acesso em: 16 dez. 2020.

- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LEONTIEV, A. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. São Paulo, Centauro, 2004.
- MARTIN, S. T. F. Trabalho Alienado, capitalismo e a saúde do trabalhador enquanto processo histórico e social. In TULESKI, S. C.; FRANCO, A. F.; CALVE, T. M. (org.). *Materialismo histórico-dialético e psicologia histórico-cultural: expressões da luta de classes no interior do capitalismo*. Paranavaí: EduFatecie, 2020.
- MARTINS, L. M. Desamparo e sociedade capitalista: O que a Psicologia tem a dizer? In TULESKI, S. C.; FRANCO, A. F.; CALVE, T. M. (org.). *Materialismo histórico-dialético e psicologia histórico-cultural: expressões da luta de classes no interior do capitalismo*. Paranavaí: EduFatecie, 2020.
- MARX, K. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. (1844). São Paulo: Boitempo, 2011.
- SANTOS, L. G. Tempo de homens partidos: o inconsciente como quebra da unidade pensar-sentir-agir. In SAWAIA, B. B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. R. *Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. Alexa Cultural: São Paulo, 2018
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte* (1925). São Paulo, Martins Fontes: 1999.
- VIGOTSKI, L. S. Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. (1926) In VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Teoria e Método em Psicologia*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes: 2004.
- VIGOTSKI, L. S. O significado Histórico da Crise na Psicologia. Uma investigação metodológica. (1927). In VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Teoria e Método em Psicologia*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

